

## RESENHA - REVIEW

**FAULSTICH, ANDREA. KONZEPTUALISIERUNGEN IN WIRTSCHAFTSBEZOGENEN PRESSETEXTEN. EINE UNTERSUCHUNG ANHAND VON TEXTEN DER ITALIENISCHEN, PORTUGIESISCHEN UND BRASILIANISCHEN TAGESPRESSE ZUR EUROPÄISCHEN WÄHRUNGSUNION 1992-1998. MÜNSTER, NODUS PUBLIKATIONEN, 2002 (STUDIUM SPRACHWISSENSCHAFT : BEIHEFT 36), ISBN 3-89323-136-6 438 SEITEN.**

**Carsten Sinner<sup>1</sup>**

Tendo em vista a crescente internacionalização de processos políticos e económicos, Andrea Faulstich questiona as condições comunicativas produzidas pela posição privilegiada das competências e responsabilidades supranacionais. A autora centra a sua atenção na introdução da moeda única europeia, o euro, como resposta à necessidade de cooperação internacional política e económica, isto é, como solução transnacional para a substituição de competências ou responsabilidades nacionais.

Para atingir este objectivo, Faulstich analisa as conceptualizações referidas ao tema “transnacional” da União Europeia Monetária (UEM) em textos publicados em diários suprarregionais italianos e portugueses, completando e contrastando os resultados desta análise da visão intra-europeia com os dados e informações obtidos por meio de uma análise de textos de um diário brasileiro. Desta forma, pode ter em conta também a perspectiva extra-europeia, alargando assim a proposta de estudo a uma visão mais completa, não limitada a uma só área de cultura.

No primeiro capítulo (11-15), Faulstich apresenta o tema do estudo e a abordagem escolhida. No segundo capítulo (16-18), a autora ocupa-se em descrever a situação das línguas portuguesa e italiana no quadro da União Europeia. O terceiro capítulo (19-29) trata da linguagem da economia como objecto de pesquisa, diferenciando duas fases do estudo dentro do quadro da linguística da economia, antes e depois de 1945. Faulstich demonstra que uma análise sistemática das linguagens da economia é um *desideratum* tanto no âmbito da língua italiana como no caso do português. A

autora apresenta uma série de classificações da linguagem da economia já existentes para, depois, propor uma tipologia própria constituída por quatro níveis diferenciados, segundo os critérios de funcionalidade, relação entre emissor e receptor e a explicitação linguística e de conteúdo: a linguagem técnico-científica que serve para a comunicação entre peritos, a linguagem prático-reguladora empregue pela administração da União Europeia em questões relacionados com a administração da UEM, a linguagem técnica divulgadora empregue no quadro de formação escolar e profissional para a difusão de conhecimentos sobre a UEM, e finalmente os textos que são objectivo do estudo, os textos de imprensa referidos à economia e destinados a um público-alvo com um interesse global pela UEM, mas com poucos conhecimentos sobre ela (p. 26). A abordagem descritiva cognitivo-semântico-cultural do estudo é justificada pela autora com as alternâncias entre terminologias e a substituição das mesmas por metáforas ou analogias (p. 27). Em seguida, Faulstich dá uma visão sinóptica das características da linguagem da imprensa e da linguagem dos textos de imprensa referidos a temas de economia.

O quarto capítulo (30-39) trata da relação entre língua, cultura e estruturas sociais e económicas, ocupando-se especialmente da influência linguística sobre a estruturação da sociedade e, na relação inversa, da influência da sociedade sobre a língua. O capítulo fecha com uma discussão do papel que a língua e, particularmente, a língua própria, desempenha na formação da identidade e da unidade nacional ou social.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Humboldt, Berlim.

O quinto capítulo (40-76) é dedicado aos fundamentos teóricos da descrição de conceptualizações em textos de imprensa referidos à economia. Faulstich apresenta diferentes abordagens linguísticas para a descrição de fenômenos linguísticos relevantes no quadro do estudo dessas conceptualizações, prestando especial atenção às metáforas como problema da descrição léxico-semântica, por serem particularmente importantes, dada a sua relevância para a explicitação de conteúdo requerida em textos de imprensa, e por serem elementos constitutivos elementares da cognição humana. Tem um peso especial, nesta abordagem, o tratamento das metáforas desde uma perspectiva da linguística cognitiva. Posteriormente, a autora dá uma introdução às bases da semântica cultural, segundo foi exposta por Wierzbicka. A autora parte da idéia da existência de universais semânticos como elementos constitutivos de significados mais complexos, não universais. Segundo Wierzbicka, para evitar que uma análise semântica esteja centrada numa língua e cultura individuais e, portanto, influenciada por essa perspectiva unilingue, deve usar-se uma metalinguagem constituída pelos chamados *primitivos semânticos* (p. 59) – são primitivos, por exemplo, *I* (eu) e *someone* (alguém) – para chegar, através da análise do conjunto de primitivos, à determinação do conteúdo semântico dos elementos léxicos analisados. Da mesma forma, também seria possível determinar o significado de usos metafóricos.

A definição metalinguística segundo o modelo de Wierzbicka é explicada por meio dos exemplos de “disappointment” e “surprise” (p. 61), mas teria sido mais indicado, a nosso ver, debater mais pormenorizadamente a definição de “surprise” apresentada por Wierzbicka, pois, segundo ela, a definição de “surprise” implica um pensamento “something is happening now / I didn’t think before now: this will happen / I want to know more about it”, mas não fica claro se “I want to know more about it” forma parte do pensamento ou se forma parte do que não se tinha pensado anteriormente. Achamos, pois, que “surprise” não tem a ver com necessariamente querer saber mais sobre o que vai ocorrer.

Depois de tratar do problema da polissemia, resolvido na análise por meio da suposição de um significado básico inerente a todos os elementos de uma série de fenômenos polissêmicos, Faulstich debate o *folk concept* de Wierzbicka, interpretado por ela como o saber do falante médio, que possivelmente integra parte do saber enciclopédico, mas que se baseia sobretudo nas experiências feitas, com o elemento em questão, no dia-a-dia (p. 63, 66). Faulstich sublinha que é considerado cada vez mais necessário ter em conta a variação semântica de termos técnicos, a qual resulta do uso das terminologias fora da linguagem técnica; formula como objectivo adicional do seu estudo a reconstrução dos conteúdos semânticos dos termos especializados, usados em contextos não especializados por falantes médios sem conhecimentos de economia. A seguir, a autora expõe a se-

mântica cognitiva segundo Langacker, uma abordagem caracterizada pela equiparação de *significado* e *conceptualização* e pela suposição de estruturas de significado determinadas pelas estruturas gramaticais. Essa abordagem constitui, junto com a intertextualidade como condição de significação e compreensão em textos de imprensa, outro ponto basilar do estudo da autora.

No sexto capítulo (77-81), Faulstich apresenta os critérios considerados na elaboração do *corpus* e na escolha das unidades a analisar. Para a obtenção dos dados italianos, Faulstich analisa textos do diário italiano *La Stampa* dos anos de 1992 a 1998. Por razões técnicas, o *corpus* português compõe-se de textos de dois diários, a saber, o *Diário de Notícias*, de 1992 a 1995 e de 1998, e o *Jornal de Notícias*, de 1996 e 1997. O diário brasileiro analisado para ter em conta a visão externa sobre a UEM é a *Folha de São Paulo* do período de 1994 a 1998, justificando-se este período mais breve com o fato de o interesse pela UEM só despertar, no Brasil, com a concretização do tema a partir de finais de 1995 (cf. páginas 13 e 77). Para garantir a comparabilidade, Faulstich seleccionou os diários analisados por se tratar, em todos os casos, de diários suprarregionais de muita tradição, arraigados, culturalmente, nos seus respectivos países, e por todos eles serem diários politicamente próximos dos partidos “conservadores”. Dada a amplitude do tema de estudo, a autora limita suas análises a textos referidos à economia: escolheu artigos das secções de economia, política, etc., relacionados com o tema da UEM e aparecidos pouco antes ou depois de uma série de datas-chave, começando pela assinatura dos tratados de Maastricht, em fevereiro de 1992, passando pela adesão de Finlândia, Áustria e Suécia, em janeiro de 1995, até o começo da União Monetária, em janeiro de 1999. A autora dá uma visão pormenorizada dos critérios de escolha das 961 unidades de texto (frases, sintagmas) analisadas, explicando os critérios (sintáticos e de semântica de valências) que levaram à análise semântica das orações onde se menciona, de forma explícita, a *moeda única / moneta unica*, a *união monetária / unione monetaria* (inclusive as formas abreviadas de *UME / UEM*) ou, a partir de dezembro 1995, o *euro*.

No sétimo capítulo (82-92), Faulstich ocupa-se da metalíngua semântica como instrumento de análise, oferecendo um modelo de tipos de conceptualizações desenvolvido de forma indutiva sobre a base das definições dos exemplos em dicionários, e das combinações repetidas de unidades conceptuais, que lhe servirá como guia na análise, classificação e descrição dos exemplos tirados do *corpus*.

No oitavo e mais extenso capítulo do livro (93-389), apresenta-se a análise dos exemplos escolhidos, por ordem cronológica de 1992 a 1998, começando pelos resultados da análise dos textos italianos, seguidos pelos resultados dos textos em português. A comparação dos textos de um ano sempre leva à apresentação de resultados intermediários, o que permite obter não só informação sobre a postura dos

italianos, portugueses e – desde a perspectiva extra-européia – brasileiros enquanto à UE ou à UME, mas também sobre o desenvolvimento destas posições. Em 1992, por exemplo, a posição portuguesa frente à UME é mais otimista do que a italiana, e, segundo o número de exemplos achados no mesmo período, constata-se uma atenção para com a União Européia em geral muito menor no *Diário de Notícias* que no diário *La Stampa*, enquanto o tema da UME parece ter tido mais importância para os editores do jornal português (pp. 119-123). No final do período analisado, em 1997 e 1998, é consideravelmente mais positiva ou otimista a posição frente ao euro expressa nos diários italianos que nos portugueses (pp. 266-272 e 351-360). Precisamente para obter informação mais precisa, na última parte do oitavo capítulo (cap. 8.8, pp. 361-389), Faulstich apresenta os resultados das análises longitudinais. Dá conta, de maneira mais pormenorizada, dos desenvolvimentos das conceptualizações, sobretudo quanto às diferenças entre os diários italiano, brasileiro e portugueses.

O seguinte capítulo (390-415) é dedicado à apresentação dos resultados globais da análise, salientando as tendências das conceptualizações para demonstrar até que ponto se trata de tendências específicas determinadas pelas diferentes culturas implicadas. Uma das conceptualizações características do diário *La Stampa*, onde a UME até 1996 é vista de forma pouco otimista e só começa a ser vista de maneira mais positiva a partir de 1997, é a conceptualização da introdução do euro como nascimento (cf. p. 392). No caso da *Folha de São Paulo*, é de salientar a conceptualização do euro como moeda forte capaz de enfrentar o dólar e, por isso, capaz de criar uma situação mais estável, mais equilibrada dos poderes econômicos (cf. p. 395).

No último capítulo (416-417), a autora debate as possibilidades de transferência dos modelos teóricos aplicados a outras áreas temáticas. O livro fecha com as referências bibliográficas (419-438).

A avaliação do estudo apresentado por Faulstich deve ter em conta, a nosso ver, o equilíbrio entre a parte teórica e a parte prática de um estudo. A parte teórica —bastante extensa— do livro é justificada até o último pormenor pela análise do material apresentada na parte central do livro, sem a autora nunca se tornar prolixa. Apesar da enorme quantidade de dados e informações processados, a autora não perde em nenhum momento o fio condutor da argumentação.

A decisão de incluir, na análise, um diário brasileiro, parece-nos particularmente acertada, pois a autora tem toda a razão quando sublinha os estreitos laços econômicos entre o Brasil e a União Européia, por um lado, e o fato de o Brasil oferecer um interessante ponto de comparação por pertencer à comunidade econômica sulamericana do Mercosul, que prevê, como a União Européia, a introdução e uma moeda única (cf. p. 12).

É, sem dúvida, um mérito especial da autora ter empregado, no marco de um estudo na área da Filologia Românica, a perspectiva semântico-cultural de Wierzbicka (1991, 1992, 1996), uma abordagem do tema escolhido obviamente defendida com muita convicção pela autora alemã.

## REFERÊNCIAS

LANGACKER, Ronald W. (1990): *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter.

LANGACKER, Ronald W. (2000): *Grammar and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter.

WIERZBICKA, Anna (1991): *Cross-Cultural Pragmatics. The Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter.

WIERZBICKA, Anna (1992): *Semantics, Culture, and Cognition. Universal Human Concepts in Culture-Specific Configurations*. Oxford: Oxford University Press.

WIERZBICKA, Anna (1996): *Semantics. Primes and Universals*. Oxford: Oxford University Press.